

O COMERCIO INTERNACIONAL DE PORTUGAL: um indicador da fragilidade da economia portuguesa e da extrema dependência em relação à U.E e Zona Euro

A maioria das análises do comércio externo de Portugal que são divulgadas no espaço público limitam-se a salientar um ou outro aspeto do comércio de Portugal com o estrangeiro de acordo com o objetivo do seu autor, o que mais das vezes acaba por não refletir adequadamente a realidade. Por ex., perante o aumento do défice da balança comercial registado no 1º sem.2017 a explicação dada pelo 1º ministro foi de que isso resultou do aumento do investimento; em relação ao mesmo facto uma jornalista de uma televisão preferiu referir apenas o aumento de desequilíbrio verificado na balança comercial portuguesa entre 2016 e 2017, criando assim a ideia do agravamento da situação económica. Durante vários anos, o governo do PSD/CDS apenas valorizou o aumento das exportações medido em percentagem do PIB.

No entanto, este tipo de análises, ao reduzir o estudo do comércio externo português apenas a um aspeto (a uma faceta), acaba por dar uma imagem distorcida da realidade impedindo que a opinião pública conheça o real de que ele é um simples reflexo. Neste estudo vamos analisar outros aspetos para assim tornar esta realidade multifacetada mais clara para os portugueses. E isto é importante porque, através desse tipo de análise, fica-se a conhecer melhor o sistema produtivo nacional já que ele se reflete no comércio externo o que nos permite conhecer melhor a situação económica do país.

O SALDO NEGATIVO DO COMERCIO EXTERNO PORTUGUÊS - 2015/2017

O quadro 1, com dados do INE, permite ficar com uma informação global sobre a evolução da balança comercial de Portugal com o estrangeiro (*inclui os países da U.E. e fora da U.E*) entre 2015 e 2017, tomando como base os valores do 1º semestre.

Quadro 1- Balança comercial de Portugal- Jan-Jun. 2015, 2016 e 2017

PERIODO	COM COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES			
	Exportações Milhões €	Importações Milhões €	SALDO- Milhões €	Var. anual saldo
Jan-Jun2015	25.152	30.234	-5.082	
Jan-Jun2016	24.788	29.815	-5.027	-1,1%
Jan-Jun2017	27.797	34.145,14	-6.349	26,3%
VARIAÇÃO DO SALDO ENTRE 2015 E 2017				24,9%
PERIODO	SEM COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES			
	Exportações Milhões €	Importações Milhões €	SALDO - Milhões €	Var. anual saldo
Jan-Jun2015	23.213	26.058	-2.845	
Jan-Jun2016	23.480	27.189	-3.709	30,4%
Jan-Jun2017	25.860	30.323,96	-4.464	20,3%
VARIAÇÃO DO SALDO ENTRE 2015 E 2017				56,9%
Contribuição da balança dos combustíveis para o saldo negativo da balança comercial		Jan-Jun2015	-2.238	
		Jan-Jun2016	-1.318	-41,1%
		Jan-Jun2017	-1.885	43,0%

FONTE: Estatísticas do comércio internacional - Agosto de 2017 - INE

Os dados do INE revelam que a balança comercial de Portugal tem sistematicamente apresentado um saldo negativo elevado, não sendo esse facto apenas em 2016 e 2017. No último ano do governo PSD/CDS também isso aconteceu. Entre 2015 e 2016, tomando como base os dados do 1º semestre, até se registou uma diminuição do défice (-1,1%), mas entre 2016 e 2017 o aumento foi bastante significativo (+26,3%).

Se deduzirmos neste saldo o efeito dos “*combustíveis e lubrificantes*”, o saldo negativo reduz-se, mas regista um crescimento, entre 2015 e 2017, de 56,9%, muito superior à subida registada no saldo negativo incluindo os combustíveis e lubrificantes que foi, no

mesmo período, de 24,9%, como mostram o quadro 1. Isto significa que as exportações e importações portuguesas estão muito dependentes deste produto cuja matéria-prima – petróleo – é toda importada, e cujo valor acrescentado no nosso país é reduzido.

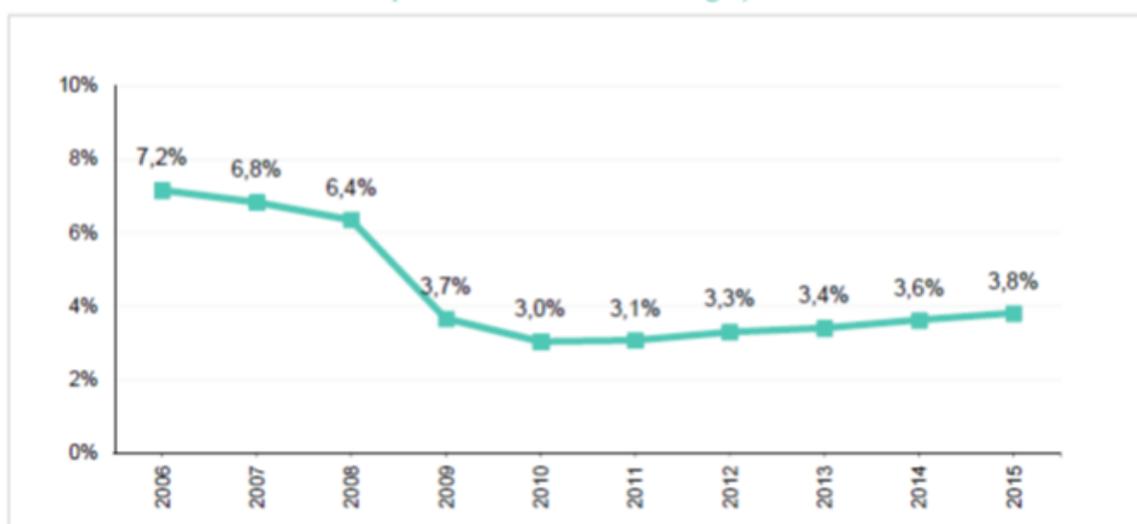
O problema das exportações de “*combustíveis e lubrificantes*” (1.938M€ no 1º sem.2015; 1.308M€ no 1º sem.2016, e 1.936M€ no 1º sem.2017) e mesmo das viaturas da Autoeuropa levanta uma questão importante que tem sido ignorada na análise das exportações pelos comentadores que dominam os media, e omitida nos estudos oficiais (*não existem estudos sobre esta matéria*), certamente com o propósito de ocultar factos que revelariam a debilidade da nossa economia, e que é a seguinte: Qual é a parcela das exportações que é valor acrescentado nacional e qual é a parcela que corresponde à simples incorporação de importações que só dá emprego e lucro a empresas de países estrangeiros? Esta questão, apesar de importante, tem sido ocultada aos portugueses.

Por ex., nos combustíveis exportados estima-se que apenas cerca de 30% seja valor acrescentado nacional; no caso da Autoeuropa, apresentada muitas vezes como exemplo de empresa exportadora, menos de metade do valor exportado é incorporação nacional, sendo o restante importações provenientes de outras empresas do grupo. E a Autoeuropa ainda tem o inconveniente de exportar para empresas do grupo, que depois se encarregam da distribuição, concentrando naturalmente nessas empresas a maior parcela dos lucros, ficando pouco em Portugal, pagando-se assim menos impostos. Para além disso, procura impor aos seus trabalhadores condições de trabalho não aceitáveis que levaram estes, pela primeira vez após muitos anos, a aprovar uma greve. A GALP controlada pela Amorim Energia, B.V., que detem 33% do seu capital, é uma empresa da família Amorim e de Isabel dos Santos, com sede na Holanda que, por esse facto, não paga imposto em Portugal sobre os dividendos que distribui à empresa holandesa.

QUEDA SIGNIFICATIVA NAS EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DE ALTA TECNOLOGIA

O gráfico seguinte, retirado da publicação do INE “*Estatísticas do comércio internacional – 2015*”, pág. 36, mostra uma realidade que é habitualmente ignorada ou escondida.

Figura 3.08 >> Comércio Internacional de bens - Exportações
Peso dos produtos de alta tecnologia, 2006-2015



Entre 2006 e 2015, o peso (%) nas exportações totais portuguesas dos produtos de alta tecnologia, que já era reduzido, caiu para quase metade, pois passou de 7,2% das exportações para um valor quase residual de 3,6%. É evidente que esta diminuição tão acentuada é um reflexo da crescente debilidade do aparelho produtivo nacional, ou seja, é consequência de um modelo de desenvolvimento assente em baixos salários até pelo tipo de emprego que tem sido criado em Portugal, como mostramos em estudo anterior.

ESTRUTURA DAS IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS NO 1º SEMESTRE DE 2016 E NO 1º SEMESTRE DE 2017

Contrariamente ao que se pretende fazer crer à opinião pública, a estrutura do sistema produtivo nacional não está a sofrer grandes alterações como revelam os dados referentes a importações e exportações do 1º semestre de 2016 e de 2017.

Quadro 2- Estrutura e variação das importações exportações portuguesas em 2016 e 2017

PRODUTOS	Classificação Produtos	DADOS REFERENTES AO 1º SEMESTRE DE 2016 E AO 1º SEMESTRE DE 2017											
		IMPORTAÇÕES				EXPORTAÇÕES				% do TOTAL		VARIÇÃO	
		2016 Milhões€	2017 Milhões€	Aumento	Aumento	2016 Milhões€	2017 Milhões€	Var.	Var.	Importações 2017	Exportações 2017	Aumento Importações 2016/2017	Aumento exportações 2016/2017
		jan-jun	jan-jun	M€	%	jan-jun	jan-jun	M€	%			Milhões €	Milhões €
PRODUTOS ALIMENTARES E BEBIDAS	111	575	633	57	10,0%	95	106	11	11,3%	1,9%	0,4%	466	428
	112	1.144	1.280	137	12,0%	621	782	160	25,8%	3,7%	2,8%		
	121	202	229	27	13,6%	88	115	27	30,9%	0,7%	0,4%		
	122	2.043	2.283	241	11,8%	1.658	1.888	230	13,9%	6,7%	6,8%		
	SOMA-1	3.963	4.425	462	11,8%	2.463	2.891	428	13,9%	13,0%	10,4%		
FORNECIMENTOS INDUSTRIAIS	21	909	1.010	102	11,2%	620	723	103	16,6%	3,0%	2,6%	1.151	828
	22	8.036	9.085	1.050	13,1%	7.757	8.482	725	9,3%	26,6%	30,5%		
	SOMA-2	8.945	10.096	1.151	13,1%	8.377	9.205	828	9,3%	29,6%	33,1%		
COMBUSTÍVEIS LUBRIFICANTES	31	1.994	2.824	830	41,6%	1	2	1	82,3%	8,3%	0,0%	1.195	628
	321	31	48	17	54,7%	399	458	59	14,9%	0,1%	1,6%		
	322	601	949	348	58,0%	909	1.476	568	62,5%	2,8%	5,3%		
	SOMA-3	2.626	3.821	1.195	2	1.308	1.936	628	2	11,2%	7,0%		
MAQUINAS	41	2.586	3.053	467	18,0%	1.977	2.299	322	16,3%	8,9%	8,3%	832	434
	42	1.858	2.223	365	19,7%	1.349	1.461	112	8,3%	6,5%	5,3%		
	SOMA-4	4.444	5.276	832	19,7%	3.325	3.760	434	8,3%	15,5%	13,5%		
MATERIAL DE TRANSPORTE E ACESSÓRIOS.	51 (automóveis passageiros)	2.170	2.370	200	9,2%	967	970	3	0,3%	6,9%	3,5%	445	361
	521 (mat. transporte industria)	816	834	18	2,2%	404	502	98	24,3%	2,4%	1,8%		
	522	60	81	21	34,5%	156	138	-18	-11,8%	0,2%	0,5%		
	53	2.087	2.294	207	9,9%	2.599	2.878	279	10,7%	6,7%	10,4%		
	SOMA-5	5.134	5.579	445	9,9%	4.126	4.488	361	10,7%	16,3%	16,1%		
BENS DE CONSUMO	61	754	812	58	7,7%	670	720	49	7,4%	2,4%	2,6%	245	331
	62	1.805	1.948	143	7,9%	2.788	2.946	158	5,7%	5,7%	10,6%		
	63	2.137	2.182	45	2,1%	1.707	1.830	123	7,2%	6,4%	6,6%		
	SOMA-6	4.697	4.942	245	2,1%	5.164	5.495	331	7,2%	14,5%	19,8%		
BENS O.C.	7	7	6	-1	-19,5%	24	21	-3	-12,1%	0,0%	0,1%	-1	-3
TOTAL (Soma 1+2+3+4+5+6)	29.815	34.145	4.330	14,5%	24.788	27.796	3.008	12,1%	100,0%	100,0%	4.330	3.008	

FONTE: Estatísticas do comércio internacional - Agosto de 2017 - INE

Como mostram os dados do INE constantes no quadro anterior, 13% das importações e 10,4% das exportações no 1º sem.2017 são “produtos alimentares e bebidas”; 29,6% das importações e 33,1% das exportações são “fornecimentos industriais”, ou seja, matérias primas e outros produtos para a indústria poder funcionar; 11,2% das importações e 10,2% das exportações são “combustíveis e lubrificantes”; e apenas 15,5% das importações e 13,5% das exportações no 1º sem.2017 são “máquinas”. O “material de transporte e acessórios” representou, no 1º sem.2017, 16,3% das importações e 16,1% das exportações, no entanto, em relação às importações 2.370 milhões € referem-se “automóveis para transporte de passageiros” e somente 834 milhões € dizem respeito à importação de “material de transporte para a indústria”; a importação de bens de consumo, nomeadamente duradouros (frigoríficos, televisões, etc.) representou, no 1º sem.2017, 14,5% das importações e 19,8% das exportações. **Portanto, a esmagadora maioria produtos de média e baixa tecnologia.**

Os dados do INE revelam que, contrariamente ao que afirmou o 1º ministro, o aumento do défice no comércio externo português verificado no 1º sem.2017, quando comparado com o de idêntico período de 2016, não teve como causa principal o aumento do investimento. A importação de máquinas é verdade que aumentou (+832M€ no 1º sem.2017 quando comparado com o período homólogo de 2016), mas o que mais aumentou foram as importações de combustíveis e lubrificantes, fundamentalmente de petróleo (+1.195M€) e de matérias primas e outros produtos para a indústria (+1.151M€).

O país gastou com a importação de “produtos alimentares e bebidas”, só no 1º sem.2017, 4.425 milhões €, o que corresponde a 83,9% (se juntarmos a importação de bens duradouros, o valor obtido – 9.367M€ - é já superior às importações totais de “máquinas” em 77,6%) da importação total de “máquinas” quando esta é tão necessária à renovação e modernização da indústria nacional. E isto acontece, por um lado, porque a produção nacional de produtos alimentares, bebidas, e bens duradouros, continua a ser insuficiente para satisfazer (em quantidade, qualidade e preço) as necessidades de consumo dos portugueses e, por outro lado, porque os grandes grupos de distribuição, na ganância para obter elevados lucros, preferem importar no lugar de promover a produção nacional (os maiores campeões de importações são os grupos Jerónimo Martin e Continente, a GALP e a Autoeuropa), e os governos continuam a fazer muito pouco para alterar esta debilidade da economia nacional que aumenta a dependência do país em relação ao exterior.

ESPANHA E ALEMANHA SÃO OS PAÍSES QUE MAIS CONTRIBUÍRAM PARA O AUMENTO DO DÉFICE EXTERNO DE PORTUGAL

No quadro 3 constam os países que Portugal tem maiores transações comerciais. São eles a Espanha, Alemanha e França.

Quadro 3- Os 3 países que Portugal tem maiores transações comerciais-2016/2017

PAISES	janeiro-Junho 2016 - Milhões €			janeiro-Junho 2017 - Milhões €			Var. SALDOS 2016/17
	Importações	Exportações	SALDO	Importações	Exportações	SALDO	
ESPANHA	9.696	6577	-3119	10.765	7179	-3586	15,0%
ALEMANHA	4101	2999	-1102	4.688	3110	-1578	43,2%
FRANÇA	2392	3.277	885	2.551	3535	984	11,2%
ESPANHA+ALEMANHA	13.797	9.576	-4.221	15.453	10.289	-5.164	22,3%

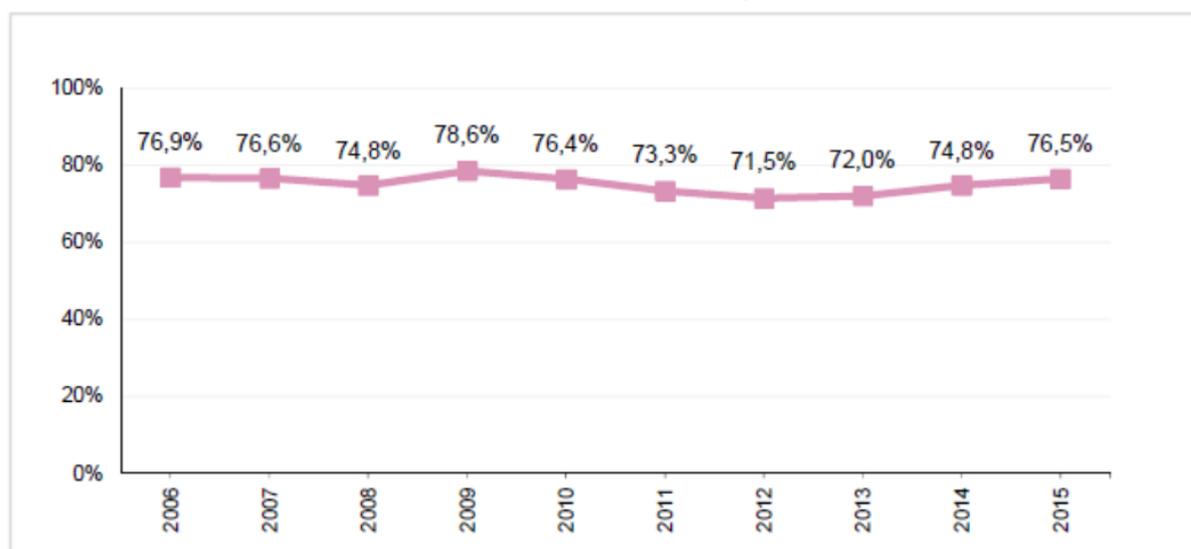
FONTE: Estatísticas do comércio internacional - Agosto de 2017 - INE

Em relação à França, Portugal tem tido uma balança comercial positiva, ou seja, as exportações têm sido superiores às importações. Entre 2016 e 2017, tendo como base os valores do 1º semestre, o saldo positivo do comércio externo com a França aumentou em 11,2%. O mesmo não sucede em relação a Espanha e Alemanha, cujos saldos têm sido sempre negativos contribuindo fortemente para o défice externo comercial português (*a sua soma é = 81% do défice total*). Entre 2016 e 2017, tendo como base os valores do 1º semestre, o saldo negativo em relação a Espanha aumentou 15%, mas o saldo negativo da balança comercial portuguesa com a Alemanha subiu 43,2%, o que é insustentável. A Alemanha exporta mas não quer importar, acumulando assim saldos externos positivos gigantescos (*261.361 milhões € em 2016*) à custa do aumento dos défices externos de países como Portugal, os quais são apropriados pelos grupos económicos alemães.

A DEPENDÊNCIA DO COMERCIO EXTERNO DE PORTUGAL EM RELAÇÃO À UNIÃO EUROPEIA E À ZONA EURO NÃO DIMINUIU

O gráfico seguinte, divulgado pelo INE nas “*Estatísticas do Comércio Internacional – 2015*”, mostra a dependência das importações portuguesas em relação à União Europeia.

Figura 1.07 >> Comércio Intra-UE de bens - Importações
Peso no Comércio Internacional, 2006-2015



Apesar do esforço para diversificar o comércio externo português, o certo é que ele continua extremamente dependente da União Europeia. Em 2015, 76,5% das importações portuguesas tiveram como origem a U.E.. Segundo dados divulgados pelo INE, no 2º Trim.2017, 74,5% das exportações portuguesas tiveram como destino a União Europeia, e 75,4% das importações tiveram como origem a União Europeia. A dependência em relação à Zona Euro é também enorme. No 2º Trim.2017, 62,6% das exportações foram países da Zona Euro, e 68,3% das importações tiveram como origem países da Zona Euro. Isto dá bem uma ideia das dificuldades, obstáculos e chantagem que Portugal enfrentará se e quando o povo português decidir sair da U.E. ou mesmo da Zona Euro, questões estas que são muitas vezes ignoradas

Eugénio Rosa, edr2@netcabo.pt, 25-8-2017